

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 40 jan-jun 2019 ISSN 1413-6651

IMAGEM Escultura de *Pascal* por François Lanno,
realizada em pedra por volta de 1853, coleção do Museu do Louvre.

FERNANDO PESSOA LEITOR DE PASCAL E
O PROJETO DO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Nuno Ribeiro
Pós-doutorando,
IELT/Universidade Nova de Lisboa, FCT¹,
Lisboa, Portugal
nuno.f.ribeiro@sapo.pt

Cláudia Souza
Pesquisadora,
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa,
Lisboa, Portugal
claudiasouzza@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo visa explorar as relações entre Pascal e Pessoa tendo por base o impacto da obra do autor francês tanto na estruturação quanto nas temáticas presentes ao longo do projeto do *Livro do Desassossego*. Com efeito, na Biblioteca Particular de Pessoa encontramos livros de e sobre Pascal que se encontram sublinhados e anotados pelo autor português e nos possibilitam certificar o interesse de Pessoa pelo pensamento pascaliano. Para além disso, o espólio de Pessoa oferece-nos um conjunto

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito de uma bolsa de pós-doutorado financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/121514/2016), ao abrigo do programa do FSE.

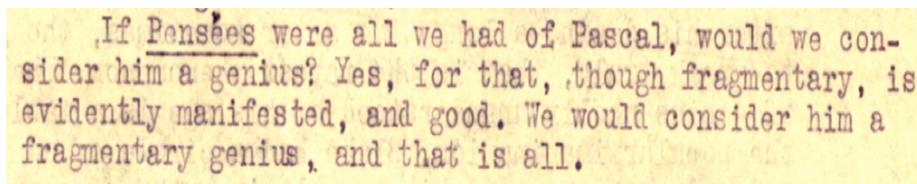
de fragmentos que nos permitem elucidar até que ponto a leitura da obra de Pascal viria a ser importante para a elaboração dos fragmentos do *Livro do Desassossego*. Assim, tendo por base a análise da presença do nome e do pensamento de Pascal em fragmentos do espólio de Pessoa, o presente artigo explicita qual o papel da leitura pessoana de Pascal na elaboração do projeto do *Livro do Desassossego*.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa, Blaise Pascal, *Pensamentos*, *Livro do Desassossego*, fragmento, sonho.

Num texto do espólio pessoano, escrito em inglês, intitulado “Gênio e Insanidade” [*Genius and Insanity*], lemos a seguinte passagem:

Se os *Pensamentos* fossem tudo o que tivéssemos de Pascal, será que nós o consideraríamos um gênio? Sim, pois isso, embora fragmentário, é evidentemente manifesto, e bom. Nós o consideraríamos um gênio fragmentário, e isso é tudo².

[If *Pensées* were all we had of Pascal, would we consider him a genius? Yes, for that, though fragmentary, is evidently manifested, and good. We would consider him a fragmentary genius, and that is all.] (RIBEIRO, SOUZA, 2017, p. 81).



[BNP/E3, 134 - 92^r: pormenor do fac-símile]³

Este trecho constitui-se como um dado importante para a análise das relações entre Fernando Pessoa e Pascal por múltiplas razões. Em primeiro lugar, a referência aos *Pensamentos* de Pascal mostra-nos que o poeta e pensador português chegou a ter conhecimento da obra do filósofo francês. Com efeito, na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa encontramos um exemplar do livro *Pensamentos* [*Pensées*] (CFP, 1-116)⁴ em francês, de 1905,

2 Tradução nossa.

3 A sigla “BNP/E3” refere-se à catalogação do Espólio de Fernando Pessoa – Espólio 3 [E3] – que se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal [BNP]. A numeração – após a sigla “BNP/E3” – corresponde ao número de catalogação do documento no Espólio de Fernando Pessoa.

4 A sigla “CFP” corresponde à indicação “Casa Fernando Pessoa” onde atualmente se encontra a biblioteca particular de Pessoa. A numeração – após a sigla “CFP” – corresponde ao número de catalogação do livro presente na biblioteca particular de Pessoa.

numa edição da Flammarion, que apresenta inúmeros vestígios de leitura por parte de Pessoa. É importante sublinhar que o texto do livro *Pensées* de Pascal presente na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa tem por base a edição de 1670 de Port-Royal. Para além dos *Pensamentos*, encontramos também entre o acervo bibliográfico do autor português um exemplar de *As Provinciais* [*Les provinciales*] (CFP, 1-117) também em francês, de 1907, editado pela Flammarion, no qual é igualmente possível encontrar marcas de leitura. Mas o interesse de Fernando Pessoa por bibliografia relativa ao pensamento pascaliano não se circunscreve à leitura direta de livros do pensador francês. Pessoa chegou a ler bibliografia relativa ao pensamento de Pascal, como é o caso do exemplar do livro *Revaluations: Historical and Ideal* (CFP, 1-8) de autoria de Alfred William Benn onde consta um capítulo intitulado *Pascal's Wager*, sublinhado e anotado por Pessoa.

Em segundo lugar, o trecho de Fernando Pessoa acima citado afigura-se como um elemento importante na medida em que apresenta a referência a Pascal e à sua obra no contexto da discussão relativa à questão do gênio. Nesse escrito, Pessoa discute, como evidencia o título que o antecede, a relação entre genialidade e insanidade e avalia ao longo do texto em qual das categorias se encaixam alguns autores como: Milton, Wordsworth, Pascal, Shakespeare e Goethe. Conforme vimos, o trecho do texto *Gênio e Insanidade* levanta a questão relativa a saber se poderíamos considerar Pascal um gênio se os *Pensamentos* fossem tudo o que restasse da obra do autor francês. Pessoa responde afirmativamente, uma vez que o poeta português considera, neste texto, Pascal como um gênio – um *gênio fragmentário* – o que certamente possui relação com a tessitura da obra inacabada que recebeu o nome de *Pensamentos*. Sabe-se que Pascal tinha a intenção de escrever um livro, *Apologia da religião cristã*, e que não teve tempo de organizar e publicar esse projeto como gostaria, projeto esse que se transformou no livro *Pensamentos*, no qual se reúnem os fragmentos destinados ao livro *Apologia da religião cristã*.

No entanto, a caracterização de Pascal como *gênio fragmentário*, pre-

sente no trecho de Pessoa acima citado, leva-nos a um terceiro aspecto importante para a relação entre as obras do autor português e do filósofo francês. Esse aspecto diz respeito à questão da fragmentariedade. Com efeito, num texto escrito originalmente em inglês o poeta e prosador português escreve sobre a sua dificuldade em finalizar os seus projetos:

Nenhum dos meus escritos foi concluído; sempre se interpu-
seram novos pensamentos, associações de ideias extraordinárias,
impossíveis de excluir, com o infinito como limite. Não consigo
evitar a aversão que tem o meu pensamento pelo acto de acabar
seja o que for. Uma única coisa suscita dez mil pensamentos, e
desses dez mil pensamentos surgem dez mil inter-associações, e
não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para
os reunir num só pensamento central, onde os seus detalhes sem
importância, mas a eles associados, possam perder-se. Passam den-
tro de mim; não são pensamentos meus, mas pensamentos que
passam dentro de mim.

[My writings were none of them finished; new thoughts intruded
ever, extraordinary, inexcusable associations of ideas bearing in-
finity for term. I cannot prevent my thought's hatred of finishing;
about a single thing ten thousand thoughts, and ten thousand
inter-associations of those ten thousand thoughts arise, and I have
no will to eliminate or to arrest these, nor to gather them into
one central thought, where their unimportant but associated de-
tails might be lost. They pass in me; they are not my thoughts, but
thoughts that pass in me.] (PESSOA, 2003, pp. 100-101).

Talvez Pascal, um gênio fragmentário – segundo a perspectiva pes-
soana no texto citado no início do artigo –, também possuísse esta mesma
dificuldade em concluir os seus escritos e seria essa a razão pela qual não
teria chegado a publicar a *Apologia da religião cristã*. A estética fragmentária
é, de fato, semelhante em Pascal e em Pessoa, embora seja acidental no caso
do primeiro e, até certo ponto, constitutiva no caso do segundo, uma vez
que Pessoa afirma explicitamente a sua incapacidade em concluir os seus
escritos. Tanto a caracterização de Pascal como *gênio fragmentário*, quanto

o texto de Pessoa relativo à sua dificuldade em finalizar os seus projetos, apresentam afinidades com o texto do filósofo francês sobre a “Desproporção do Homem” (Laf.199 / Br.72)⁵, em particular no que diz respeito ao trecho sobre o *estado verdadeiro do homem*:

Aí está o nosso estado verdadeiro. É isso que nos torna incapazes de saber com certeza e de ignorar de modo absoluto. Vogamos sobre um meio vasto, sempre incertos e flutuantes, levados de uma ponta para a outra; qualquer termo em que pensemos nos agarrar e nos firmar, abala-se, e nos abandona e, se o seguimos, ele escapa às nossas tentativas de pegá-lo, escorrega e foge com fuga eterna; nada se detém para nós. É o estado que nos é natural e entretanto o mais contrário à nossa inclinação. Ardemos do desejo de encontrar uma posição firme e uma última base constante para aí edificar uma torre que se eleve ao infinito, mas todo o nosso alicerce cede e a terra se abre até os abismos (PASCAL, 2005, p.83).

Esse trecho do fragmento intitulado “Desproporção do Homem” (Laf.199 / Br.72) está em total consonância com os escritos de Pessoa relativos à dificuldade em estabelecer um ponto fixo a partir do qual se pode realizar a conclusão de um projeto, bem como com a dificuldade que o próprio Pascal enfrentou para elaborar, de uma forma definitiva, o seu

5 É importante sublinhar que o fragmento de Pascal relativo à “Desproporção do Homem” foi um dos que mais impacto teve na produção literária de Fernando Pessoa. Com efeito, ao longo dos escritos de Pessoa com referência a Pascal encontramos múltiplas citações da expressão *quelque apparence du milieu des choses* presente no fragmento pascaliano sobre a “Desproporção do Homem”. Para mais informações a este respeito, veja-se: RIBEIRO, SOUZA, 2017. Tendo em consideração que algumas passagens do fragmento “Desproporção do Homem” foram inspiradas pela *Apologia de Reymond Sebond* de Montaigne, faz-se também notar que Fernando Pessoa teve conhecimento dos *Ensaíos* de Montaigne, conforme se pode constatar na Biblioteca Particular do autor português, que contém uma edição francesa em quatro volumes dos *Essais de Montaigne* (CFP, 1-107).

livro *Apologia da religião cristã*. Contudo, apesar de a fragmentariedade ser acidental no caso dos *Pensamentos* pascalianos, tanto Pascal quanto Pessoa, no que respeita aos seus escritos póstumos, podem ser considerados como gênios, se por isso entendermos *gênios fragmentários*⁶. Esse aspecto permite, de igual modo, estabelecer um confronto entre Pessoa e Pascal, uma vez que, assim como Pascal, Pessoa deixou, entre seus inúmeros projetos inacabados, o projeto do *Livro do Desassossego* sem organizar e publicar como gostaria, deixando para os pesquisadores fragmentos, publicados e organizados após a sua morte, das mais diversas formas.

A relação entre a redação do *Livro do Desassossego* e a questão da fragmentariedade é explicitamente tematizada por Pessoa numa carta a Armando Côrtes-Rodrigues com a data de 19 de Novembro de 1914, onde se lê a seguinte confissão do autor português: “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos” (PESSOA, 1999, p.132). Com efeito, cada edição do *Livro do Desassossego*, bem como do livro *Pensamentos*, transforma, de certa forma, os editores/organizadores em coautores do livro, porque a escolha da organização dos fragmentos determina a elaboração de um livro com uma determinada configuração, dando ênfase a aspectos que podem diferenciar de edição para edição. Tanto Pascal quanto Pessoa, no que diz respeito a esses projetos específicos, deixaram um grande desafio para os pesquisadores: como organizar um livro de um autor póstumo composto por fragmentos? Se analisamos a obra de ambos nessa perspectiva – a partir da questão da escrita fragmentária – podemos considerar que Pessoa foi, tal como Pascal, um gênio fragmentário.

6 Faz-se necessário sublinhar novamente que o carácter fragmentário dos escritos pascalianos relaciona-se com a dificuldade que o autor francês teve em concluir a obra *Apologia da Religião Cristã*.

Mas a relação entre Pascal e o projeto do *Livro do Desassossego* não se circunscreve à questão da fragmentariedade. Para além das questões relativas à estrutura fragmentária dos *Pensamentos* de Pascal e dos trechos destinados ao *Livro do Desassossego*, encontramos ainda referência ao nome de Pascal entre os escritos do espólio destinados a essa obra de Fernando Pessoa, conforme se pode constatar no seguinte trecho:

Viver a vida em sonho e falso é sempre viver a vida. Abdicar é agir. Sonhar é confessar a necessidade de viver, substituindo a vida real pela vida irreal, e assim é uma compensação da inalienabilidade do querer-viver.

Que é tudo isto enfim se não a busca da felicidade? E busca qual-quer qualquer outra busca?

O devaneio continuo, a analyse ininterrupta deram-me alguma cousa *essencialmente* diferente do que a vida me daria?

Com separar-me dos homens não me encontrei, nem ⁷

Este livro é um só estado de alma, analysado de todos os lados, percorrido em todas as direcções.

Alguma cousa nova, ao menos, esta attitude me trouxe? Nem essa consolação se aproxima de mim. Estava tudo já em Heraclito e no Ecclesiastes. *A vida é um brinquedo de creança na areia... vaidade e de espirito..?* E eu Job pobre, n'uma só phrase, *A minha alma está cansada da minha vida.*

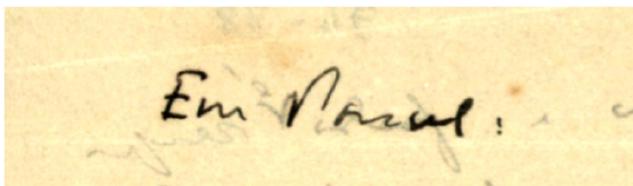
[88^v]

7 O símbolo “□” serve para assinalar uma lacuna no documento original, presente no Espólio de Fernando Pessoa.

Em Pascal:
Em Vigny: Em ti
Em Amiel, tão completamente em Amiel:
... (certas frases) ...
Em Verlaine, nos symbolistas,
Tanto doente como eu... Nem o privilegio de uma pequena originalidade de doença... Faço o que tantos antes de mim fizeram... Soffro o que já é tão velho soffrer... Para que mesmo pensar estas cousas, se já tantos as pensaram e as soffreram?...

(Titulo: *Exame de Consciencia*)

E comtudo, sim, qualquér cousa de novo trouxe. Mas d'isso não sou responsavel. Veio da Noite e brilha em mim como uma estrella... Todo o meu esforço não o produziu nem o apagou... Sou uma ponte entre dois mysterios, sem saber como me construíram...⁸ (RIBEIRO, SOUZA, 2017, p.132-133).



[BNP/E3, 94-88^v: pormenor do fac-símile]

Neste documento percebe-se a absorção do pensamento de Pascal no espaço artístico de Pessoa, ou seja, este fragmento pertencente ao projeto do *Livro do Desassossego* pode ser catalogado como uma escrita literária e esse aspecto é relevante porque o pensamento filosófico de Pascal serve como matéria-prima na construção da literatura pessoana. Um aspecto importante a destacar diz respeito ao parágrafo final deste trecho do *Livro do Desassossego* – onde se lê “E comtudo, sim, qualquér cousa de

8 Conforme à ortografia original.

novo trouxe. Mas d’isso não sou responsável.” (RIBEIRO, SOUZA, 2017, p.133) – que evoca um fragmento (Laf. 696 / Br. 22) dos *Pensamentos* no qual Pascal escreve: “Não me digam que eu nada disse de novo: a disposição da matéria é nova” (PASCAL, 2005, p.285). Para além disso, o tema do trecho do *Livro do Desassossego* em análise é também muito significativo: trata-se da questão do sonho. Tanto os fragmentos do projeto do *Livro do Desassossego*, quanto os *Pensamentos* de Pascal apresentam a tematização da questão do sonho: Pessoa no campo literário e Pascal no campo filosófico. No trecho do *Livro do Desassossego* acima citado existe uma reflexão sobre o sonho e o autor convida Pascal a participar, ainda que de forma indireta, da análise desta questão. Possivelmente a referência a Pascal realizada neste texto tem relação com o seguinte fragmento (Laf. 803 / Br. 386) dos *Pensamentos* de Pascal:

Se todas as noites sonhássemos com a mesma coisa, ela nos afetaria tanto quanto os objetos que vemos todos os dias. E se um artesão estivesse seguro de que sonharia todas as noites durante doze horas que era rei, creio que seria quase tão feliz quanto um rei que sonhasse todas as noites durante doze horas que era artesão.

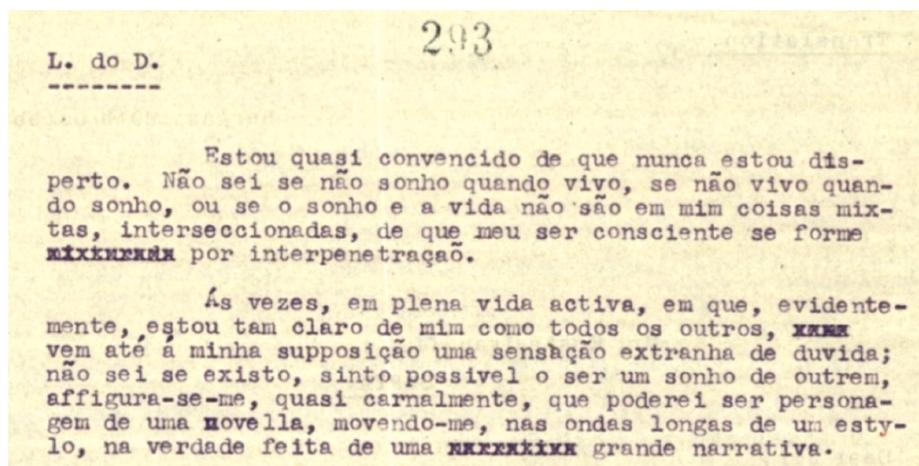
Se sonhássemos todas as noites que estamos sendo perseguidos por inimigos, e agitados por esses penosos fantasmas, e se se passasse todos os dias por diversas ocupações como quando se faz uma viagem, sofrer-se-ia quase tanto quanto se isso fosse de verdade e se ficaria tão apreensivo com o dormir como se fica com o despertar, quando se teme entrar de fato em tais infelicidades. E na verdade faria mais ou menos os mesmos males que a realidade.

Mas, como os sonhos são todos diferentes e um mesmo sonho se diversifica, o que neles se vê afeta bem menos do que aquilo que se vê estando acordado, por causa da continuidade que não é entretanto tão contínua e igual que também não mude, mas menos bruscamente, se não for raramente, como quando se viaja, e então se diz: parece que estou sonhando; pois a vida é um sonho um pouco menos inconstante (PASCAL, 2005, pp.317-318).

Neste trecho, Pascal problematiza a distinção entre sonho e vida real, sendo que, de acordo com o fragmento pascaliano, é a questão da constância que permite estabelecer a diferença entre o sonho e a vida. Porém, o filósofo termina a sua reflexão afirmando que “a vida é um sonho um pouco menos inconstante” (PASCAL, 2005, p.318). A expressão “um pouco” aproxima as duas realidades: a realidade do sonho e a realidade da vida. O que significa que talvez uma vida completamente inconstante se poderia assemelhar a um sonho. No projeto do *Livro do Desassossego* encontramos precisamente a tematização da questão dos limites da distinção entre o sonho e a realidade, como se pode constatar no seguinte trecho:

Estou quasi convencido de que nunca estou desperto. Não sei se não sonho quando vivo, se não vivo quando sonho, ou se o sonho e a vida não são em mim coisas mixtas, interseccionadas, de que meu ser consciente se forme por interpenetração.

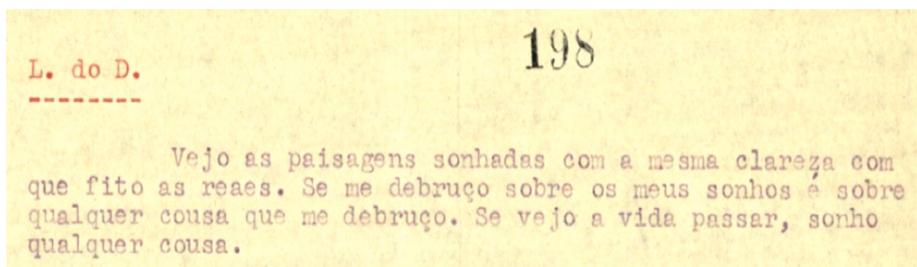
Às vezes, em plena vida activa, em que, evidentemente, estou tam claro de mim como todos os outros, vem até á minha supposição uma sensação estranha de duvida; não sei se existo, sinto possivel o ser um sonho de outrem, affigura-se-me, quase carnalmente, que poderei ser personagem de uma novella, movendo-me, nas ondas longas de um estylo, na verdade feita de uma grande narrativa (PESSOA, 2010a, p.350).



[BNP/E3, 4 - 23^r: pormenor do fac-símile]

Noutro trecho lemos também a seguinte passagem a esse respeito:

Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reaes. Se me debruço sobre os meus sonhos é sobre qualquer coisa que me debruço. Se vejo a vida passar, sonho qualquer coisa (PESSOA, 2010a, p.226).



[BNP/E3, 3 - 16: pormenor do fac-símile]

No entanto, é importante sublinhar que a tematização da questão do sonho em Fernando Pessoa e em Blaise Pascal constitui-se como a repercussão de uma influência filosófica comum: a filosofia de Descartes, em particular, a questão da indistinção entre o sonho e a vigília enquanto um dos momentos da dúvida metódica. No que respeita a Pascal, encontramos a paráfrase de muitos dos elementos presentes na tematização cartesiana da indistinção entre sonho e vigília no seguinte trecho de um fragmento (Laf.131 / Br.434) dos *Pensamentos*:

(...) ninguém tem segurança – fora da fé – se está acordado ou dormindo, visto que durante o sono acredita-se estar acordado com tanta firmeza como quando o fazemos. Como muitas vezes se sonha que se está sonhando, sobrepondo um sonho a outro. Não pode acontecer que esta metade da vida seja ela própria apenas um sonho, sobre o qual os outros são enxertados, e de que acordamos no momento da morte, durante a qual temos tão pouco os princípios de verdade e do bem quanto do sono natu-

ral? Todo esse escoar-se do tempo, da vida, e esses diversos corpos que sentimos, esses diferentes pensamentos que nos agitam não são talvez mais do que ilusões semelhantes ao escoar-se do tempo e aos vãos fantasmas de nossos sonhos. Acredita-se ver os espaços, as figuras, os movimentos, sente-se e mede-se o escoar do tempo, e finalmente age-se da mesma forma que quando se está acordado. De modo que, como a metade da vida se passa em sono, por nossa própria confissão ou o que quer que nos pareça não temos nenhuma ideia da verdade, sendo então ilusões todos os nossos sentimentos. Quem sabe se essa outra metade da vida em que pensamos estar acordados não é outro sono um pouco diferente do primeiro (PASCAL, 2005, pp.44-45).

Relativamente à importância da filosofia cartesiana em Pessoa, lemos o seguinte trecho de um fragmento filosófico do autor português:

O verdadeiro método do exame metafísico foi-nos indicado por Descartes – o método da dúvida universal. O nosso primeiro ato mental, quando filosofamos é, por conseguinte, eliminar o preconceito tirano do costume, e, não menos, todo o conhecimento que pode parecer ter sido muito legitimamente adquirido e que pode parecer dotado de uma indubitável correção.

[The true method of metaphysical examination has been indicated to us by Descartes – the method of universal doubt. Our first mental action, when we philosophize is, therefore, to shake off the tyrannous prejudice of custom, and, not less, the whole weight of knowledge which may seem most legitimately acquired, and may appear endowed with indubitable correctness.] (PESSOA, 2016, p.58).

Feitas estas considerações e conhecendo a reflexão de Pascal sobre o sonho, destacamos três importantes fatos: 1) o fato de Pessoa ter sido leitor de Pascal; 2) o fato de o nome de Pascal constar em um fragmento do projeto do *Livro do Desassossego* justamente sobre a questão do sonho; 3) o fato da atmosfera do projeto do *Livro do Desassossego* ser uma atmosfera de sonho e de dúvida. Estes três aspectos tornam possível conjecturar que

a leitura das obras de Pascal tenha causado um forte impacto não somente no pensador que foi Pessoa, mas no artista, que acaba sempre por utilizar em seu espaço literário o pensamento de outros autores, ainda que transmutados no seu laboratório de artista.

FERNANDO PESSOA READER OF PASCAL
AND THE PROJECT OF THE *BOOK OF DISQUIET*

ABSTRACT: This article aims to explore the relations between Pascal and Pessoa based on the impact of the work of the French author both in the structure and the themes present throughout the *Book of Disquiet*. Indeed, in the Pessoa's Private Library one finds books of and about Pascal that are underlined and bear notes by the Portuguese author, which enable us to certify Pessoa's interest in Pascal's thought. In addition, Pessoa's Archive offers us a set of fragments that allow us to elucidate the extent to which the reading of Pascal's work would be important for the elaboration of fragments of the *Book of Disquiet*. Thus, based on the analysis of the presence of Pascal's name and thought in fragments of Pessoa's Archive, this article explains the role of Pessoa's reading of Pascal in the preparation of the *Book of Disquiet*.

KEYWORDS: Fernando Pessoa, Pascal, *Thoughts*, *Book of Disquiet*, fragment, dream.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENN, A. W. (1909) *Revaluations: Historical and Ideal*. London: Watts & Co. [CFP, 1-8]
- MONTAIGNE, M. (s.d.) *Les essais de Montaigne*. Paris: Ernest Flammarion . 4 vols. [CFP, 1-107]
- PASCAL, B. (1907) *Les provinciales*. Paris: Ernest Flammarion. [CFP, 1-117]
- _____. (2005) *Pensamentos*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- _____. (1905) *Pensées*. Paris: Ernest Flammarion. [CFP, 1-116]
- PESSOA, F. (1999) *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

- _____. (2003) *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (2016) *Estudos Filosóficos: Artigos, opúsculos e outras produções breves*. Edição, introdução e notas de Nuno Ribeiro. Lisboa: Apenas Livros.
- _____. (2010a) *Livro do Desasocego*, Tomo I. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (2010b) *Livro do Desasocego*, Tomo II. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RIBEIRO, N.; SOUZA, C. (eds.) (2017) *Fernando Pessoa & Pascal*. Lisboa: Apenas Livros.